

D		5	12	19	26
L		6	13	20	27
M		7	14	21	28
M	1	8	15	22	29
G	2	9	16	23	30
V	3	10	17	24	31
S	4	11	18	25	

marzo

13

lunedì

S. Eufrazia v. - 73/293

A questo  
 siamo in Luceresima.

17/1/72

Perché ai tempi moderni non si può parlare  
 più di penitenza? Quella

~~quella~~ quella che la buona gente del popolo, di certe  
 popolose persone specie e soprattutto le donne  
 accetta ancora dal parroco l'invito alla peni-  
 tenza. E la fa. Penitiamo ai polipri, nepp  
 estellati di privazioni, di penitenze frische  
 che conducono folle di cristiani a Fatima  
 e a Lourdes. E non ~~non~~ certo facciamoci!

Però nonostante questi fatti che segua-  
 ranno, la realtà è che oggi per i cristiani,  
 la parola penitenza è caduta. in senso

E forse è giusto. E forse è una fortuna  
 perché si avverte che aggiungere oggi alla  
 vita cristiana che si conduce (o meglio  
~~che~~ non si conduce) una penitenza è come  
 coltivare il grano d'un vaso destinato ad  
~~non~~ al pappo d'una cosa che non c'è.

Si ~~sta~~ sta che manca il più, è essenziale il  
 il necessario, e quindi il meno, l'acceso  
 ciò è secondario, ~~perde~~ il valore, non  
 ha senso.

Perché la vita cristiana è per la  
 volontà di Dio e il cristiano oggi fa  
 questo la propria e fa quella di Dio

È già tanto se si evita  
la vendetta.

15

marzo

mercoledì

D		5	12	19	26
L		6	13	20	27
M		7	14	21	28
G	1	8	15	22	29
V	2	9	16	23	30
S	3	10	17	24	31
	4	11	18	25	

S. Longino m. - 75/291

Amore a vicenda, essere uno  
più e un'altra sola

ma malvolentieri.

Perché essere cristiani significa amare ogni  
prossimo ed i cristiani ogni ~~no~~ si purca  
no - se lo ~~(no)~~ facciamo ~~di~~ solo dal  
nostro parents.

Perché essere cristiani significa amare  
anche i nemici. Ma chi si pensa? Questo  
~~è un concetto molto nuovo e molto recente.~~

Perché essere cristiani significa amare  
non solo famiglia, popolo, altri cristiani  
in parrocchia, nelle associazioni, nelle  
opere cui appartengono, ma ciò è superiore  
alle nostre forze... Ognuno pensa a se e ne ha abbastanza.

Perché essere cristiani significa obbedire  
alla Chiesa, a chi la rappresenta. Ma  
appò è fuori moda obbedire a ~~quasi~~  
~~modo~~ e la  
Chiesa non con - alle sue direttive  
vice tu pro...

Perché... perché... perché...

Questo manca prima ~~di poter appaiono~~  
~~qualcosa di particolare che faccia~~  
~~di qualcosa~~ di ciò che dovrebbe essere  
normale nelle nostre istituzioni prima  
d'aggiungere qualcosa di particolare  
come ~~modo di essere~~ alcune di  
~~volontario~~ una partecipazione volontaria.

D		5	12	19	26
L		6	13	20	27
M		7	14	21	28
M	1	8	15	22	29
G	2	9	16	23	30
V	3	10	17	24	31
S	4	11	18	25	

marzo

17

venerdì

S. Patrizio v. - 77/289

Eppure Papa Giovanni che non è stato certo un estemporaneo ma ha attratto il mondo con la sua bontà dice cose autentiche, non certo di questo tempo, ma che impiegheranno tutta la loro esistenza perché escono da quella bocca, dipendono da quel cuore, vi sono prima, ~~che~~ e poi ~~prodotti~~ <sup>dette</sup> agli altri. (A) (B) da quell'anima

Oppi cercherà di fare qualche pentecoste in botteghe per discutere a S.A. in un'occasione speciale.

← E perché sono veritate dette da Lui formano al modo?

(O texto é uma versão sucessiva ao manuscrito)

17.1.72

## Falta o essencial

Estamos na Quaresma.

Por que, nos tempos modernos, é difícil falar de penitência?

A gente boa do povo, o povo simples, sobretudo do interior, e principalmente as mulheres, ainda aceitam o convite do vigário para fazer penitência. E a fazem.

Pensemos nas romarias cheias de privações físicas, que levam multidões de cristãos a Fátima, a Lourdes... E não são pessoas fanáticas!

O fato é que, em geral, apesar de esses episódios perdurarem, para os cristãos de hoje a palavra *penitência* perdeu o sentido.

Talvez seja certo. Talvez seja providencial, pois percebemos que associar uma penitência à vida cristã que levamos (ou melhor, que *não* levamos) é como cultivar a flor de um vaso, para ser colocado na varanda de uma casa que não existe.

Sente-se que falta algo mais, o essencial, o necessário e então o menos, o acessório são secundários, não têm sentido.

Porque a vida cristã é fazer a vontade de Deus e o cristão frequentemente faz a sua ou até a de Deus, mas a faz de má vontade...

Porque ser cristão significa amar a cada próximo e nós cristãos nos preocupamos só com nossos parentes – se é que nos preocupamos...!

Por que ser cristão significa amar também os inimigos. Mas quem pensa nisso? Já é muito se não nos vingamos...

Porque ser cristão significa amar-se reciprocamente, ser um coração e uma só alma com os outros cristãos, mas isso é difícil demais... Cada um pensa em si e já é mais do que suficiente.

Porque ser cristão significa obedecer à Igreja, a quem a representa e às suas diretrizes. Mas hoje está fora de moda obedecer e a Igreja não convence muito...

Porque... porque... porque...

Quão longe estamos do que deveria ser normal em nossa vida cristã, *antes* de adicionarmos algum detalhe, como uma penitência voluntária.

No entanto, o papa João XXIII que, sem dúvida, não viveu fora de seu tempo, aliás, atraiu o mundo com a sua bondade, diz coisas antigas, mas que readquirem toda a sua vitalidade, porque transmitidas por *aquela* boca, sugeridas por *aquela* coração, vividas antes por *aquela* alma e só depois

anunciadas. E como são verdades ditas por ele, voltam a estar na moda.

Ele afirma: “Além das penitências que necessariamente se apresentam, devido às dores inevitáveis desta vida mortal, é preciso que os cristãos sejam tão generosos que ofereçam a Deus inclusive as mortificações voluntárias, à imitação do nosso divino Redentor [...].

Que nos sirvam de exemplo e estímulo também os santos da Igreja, cujas mortificações infligidas a seus próprios corpos, muitas vezes inocentíssimos, enchem-nos de admiração e quase de espanto. Diante desses campeões da santidade cristã, como deixar de oferecer a Deus alguma privação ou sacrifício voluntário, feito também por fieis, que talvez tenham muitas culpas a expiar?”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Encicliche e discorsi di Giovanni XXIII.v. IV. Roma: Paoline, pp.245-246.